

TEATRO POR AMOR

NOVA SECÇÃO DE TEATRO
DE AMADORES DIRIGIDA
POR SOEIRO CAMILO
E REGINA PERDIGÃO

DUAS PALAVRAS A ABRIR

O Teatro ensina a conhecer melhor as coisas, as pessoas e o mundo, porque exige de quem o faz grande poder de observação, de selecção e compreensão humana e de quem o vê capacidade crítica, participação e educação estética. Ambos necessitam de treino, de constante atenção sobre os eventos da nossa vida individual e colectiva, para que se possa dar o fenómeno espectáculo-público e o Teatro aconteça.

As páginas desta secção têm o objectivo de sacudir os espiritos, levantar ideias, ser algo socialmente útil. Só o serão, porém, se entre nós e o público leitor se estabelecer uma corrente contínua de interesse mútuo, isto é, se os participantes dos diversos grupos amadores do país nos enviarem as suas informações e pontos de vista sobre temas de teatro. Além de que, se os leitores nos quiserem interrogar acerca de tudo quanto ao teatro diga respeito, cá estaremos para os elucidar, não porque sejamos alguma enciclopédia mas porque pensamos que sempre se arranjará forma de esclarecer qualquer assunto.

Amadores, escrevam-nos, pois! Informem-nos da vossa actividade, que o mesmo é informar milhares de leitores desta revista.

Leitores, ponham-nos problemas sem receio, porque as vossas interrogações vivem também no espírito de muita gente e se estivermos à altura de os esclarecer muitos outros beneficiarão.

—Cá os esperamos, portanto!

V. C.

Romancista de relevo e jornalista de primeiro plano foi, todavia, como crítico de teatro — seu apaixonado e militante — que o abordámos com estas breves perguntas e às quais teve a gentileza de responder.

«Plateia» pugna pela propagação do teatro no povo e pela elevação de nível dos espectáculos amadores. É nesta base que lhe dirigimos as seguintes interrogações:

- Costuma assistir a espectáculos de amadores?
- Com frequência, embora condicionada por circunstâncias de tempo, saúde e exigências profissionais. De alguns espectáculos de amadores guardo a melhor das recordações. Assim do «Catão» encenado por Jacinto Ramos, há anos, no Guilherme Cossoul; das peças de Fernando Amado, que me revelaram Isabel Ruth, Manuela de Freitas e Glória de Matos; do «Monta-Cargas», onde surgiu o Filipe Ferrer; da «Castro» à maneira do Carlos Avilez; de várias representações da «Proscenium», entre elas a recente «Silva Vicentina» no palco do Avenida. Não me refiro ao teatro universitário porque, como já tive ocasião de dizer aquando do último festival, o considero um caso à parte, digno também do melhor incentivo e de todo o nosso entusiasmo.
- Qual a importância que atribui aos amadores no desenvolvimento do teatro em Portugal e particularmente nos dias que correm?
- Cabe-lhes entre nós um papel de suma importância, pois não só os teatros de amadores são muitas vezes autênticos viveiros de actores como tornam possíveis algumas tentativas de criação de teatro popular. Mediante a acção de comissões de empresas, não seria difícil implantar o teatro e a cultura no seio das classes trabalhadoras. Não há orientação nem forma definidas para realizar esse programa. Nem, evidentemente, uma plataforma de critérios estéticos. Mas poderia talvez fundar-se entre nós um grupo de Amigos do Teatro Popular — do verdadeiro teatro popular. Porque não?



— Quer dizer algumas palavras que auxiliem os amadores de teatro na sua cruzada?

— A palavra amador é já de si uma palavra muito bela: amador é aquele que ama, que se dá generosamente. O grande problema do teatro entre nós, para além das restrições contra as quais tenho vindo sempre a pugnar, reside na relação de produção e consumo, ou seja, de empresa e público. E talvez aos amadores cumpria a tarefa extraordinária de alargar, por esse país fora, a massa dos que se interessam pelo teatro, susceptíveis de, como eles, o amarem.

O CONCURSO DE ARTE DRAMÁTICA DO SNI

Iniciou-se a fase de selecção do Concurso Dramático que o S. N. I., de colaboração com a F. N. A. T., promove todos os anos.

No dia 11 do corrente, os amadores do Círculo de Arte e Recreio, de Guimarães, representaram, no salão da sua sede, o «Monólogo do Vaqueiro», «Auto da Alma», «Auto da Barca do Inferno» e «Farsa de Inês Pereira».

Por sua vez, o grupo cénico da Sociedade Recreativa e Dramática Eborense, de Évora, prestar provas com a peça «Três Tardes de Três Outonos», da modalidade B nesse dia.

No dia 12, os grupos de amadores teatrais do Círculo Montemorense, de Montemor-o-Novo, e Dramático e Musical Flor de Infesta, representaram, respectivamente, «O Velho da Horta», de Gil Vicente, e o «Troca Tintas», de Arnaldo Leite e Campos Monteiro.

O Círculo Cultural do Algarve, de Faro, e o Centro de Recreio Popular de Arnelas, do Olival, levaram à cena, nos dias 13 e 14, respectivamente, «Auto da Barca do Inferno», «Auto da Barca do Purgatório» e «Auto da Barca da Glória», de Gil Vicente, no claustro do Convento de Nossa Senhora da Assunção (Convento de Freiras), e «João Ninguém», de Carlos Arniche, em adaptação de Alberto Barbosa e José Galhardo, no seu Teatro-Estúdio, na Rua do Alportel, 96-1.º, em Faro.

Este ano, o concurso do S. N. I. é disputado por 44 grupos cénicos.

TRÊS PERGUNTAS A URBAN O TAVARES RODRIGUES